

Catálogo Epigráfico de Lousada: continuação (III)

CRISTIANO CARDOSO¹
LUÍS SOUSA²

1 Técnico Superior de Ciências Históricas. Câmara Municipal de Lousada. Projeto “Catálogo Epigráfico de Lousada”.

2 Arqueólogo. Câmara Municipal de Lousada. Projeto “Catálogo Epigráfico de Lousada”.

RESUMO

O texto apresentado dá continuidade ao projeto de inventário e estudo da epigrafia moderna no concelho de Lousada, iniciado em 2015, mantendo-se os objetivos e a metodologia definida no princípio. As inscrições agora estudadas encontram-se presentes na União de Freguesias de Cristelos, Boim e Ordem e nas freguesias de Santa Margarida de Lousada e Vilar do Torno e Alentém. No cômputo geral, o conjunto de inscrições revela-se uniforme quanto à motivação da natureza epigráfica, especialmente no que respeita aos contextos e propósito da memória gravada, sendo somente analisado fora deste universo um letreiro perpetuado num marco divisorio granítico pertencente ao Mosteiro de Travanca.

PALAVRAS-CHAVE

Epigrafia; Idade Moderna; Lousada.

ABSTRACT

The text presented continues the project of inventory and study of modern epigraphy in the municipality of Lousada, started in 2015, maintaining the objectives and methodology defined in the beginning. The set of inscriptions now studied is present in the parish of Cristelos, Boim e Ordem and in the parishes of Santa Margarida de Lousada and Vilar do Torno e Alentém. Overall, the set of inscriptions is uniform in terms of the motivation of the epigraphic nature, especially with regard to the contexts and purpose of the recorded memory, only a sign perpetuated in a granite dividing mark belonging to the Monastery of Travanca.

KEYWORDS

Epigraphy; Modern Age; Lousada.

Introdução

As situações em que a presença de textos epigráficos vem sendo documentada, em Lousada, são muito diversificadas. Desde os primeiros passos do projeto “Catálogo Epigráfico de Lousada”, em 2015, foram já estudadas mais de meia centena de inscrições que revelam mentalidades temporalmente bem situadas e que constituem um importante *corpus* que permite que nos abeiremos de aspetos da própria mundividência religiosa, social e mesmo económica de algumas freguesias, especialmente as que marcam a raia administrativa poente do concelho.

O ensaio presente dá continuidade ao projeto mencionado, que tem como objetivo principal o inventário e desenvolvimento de estudos de inscrições elaboradas, preferencialmente, durante a Época Moderna, em Lousada.

As inscrições que aqui constituem objeto de estudo encontram-se presentes na União de Freguesias de Cristelos, Boim e Ordem e nas freguesias de Santa Margarida de Lousada e Vilar do Torno e Alentém. No cômputo geral, o conjunto de inscrições revela-se uniforme quanto à motivação da natureza epigráfica, especialmente no que respeita aos contextos e propósito da memória gravada, sendo somente analisado fora deste universo um letreiro perpetuado num marco divisório granítico que outrora limitou o território administrativo do Mosteiro de Travanca.

Catálogo Epigráfico de Lousada

N.º 33

Designação: epígrafe da frontaria da capela de Nossa Senhora do Loreto.

Tipologia: cartela.

Localização: capela de Nossa Senhora do Loreto, União de Freguesias de Cristelos, Boim e Ordem.

Descrição: fórmula ritual gravada em cartela, de desenho hexagonal, de cantos côncavos, achando-se o campo epigráfico delimitado por sulco baixo, com largura média de 4 cm, seguido de contorno em ressalto, também com largura média de sensivelmente 4 cm.

Transcrição: FUNDATA/ ESTDOMUS DNI SU/ PRAVERTICEM MONTI/ UM ET VENENTA DEA/ ONES GENTES/ EXECCL

Leitura: FUNDATA/ EST DOMUS D(*omi*)NI SU/PRA VERTICEM MONTI/ UM ET VEN[*i*]ENT AD EA[*m*] / O[*m*]NES GENTES / EX ECCL[*esia*]

Tradução: A casa do Senhor foi fundada no cume do monte e vêm até ela todas as gentes da Igreja.

Altura média das letras: L1: 4,6 cm; L2: 4,4 cm; L3: 4,8 cm; L4: 4,5 cm; L5: 4,6 cm; L6: 4,9 cm.

Espaços interlineares: L1: 14,7 cm; L2: 1,9 cm; L3: 1,9 cm; L4: 2,3 cm; L5: 2,5 cm; L6: 2,4 cm; L7: 6,1 cm.

Bibliografia: Sousa e Cardoso (2018, pp. 21-25).

Comentário paleográfico: esta epígrafe



Figura 1. Levantamento gráfico da epígrafe da frontaria da capela de Nossa Senhora do Loreto.



Figura 2. Registo fotográfico da epígrafe da frontaria da capela de Nossa Senhora do Loreto.

encontra-se na frontaria da capela, entre o óculo quadrifólio e a porta principal, desta feita fixada numa cartela hexagonal, de cantos côncavos, com as dimensões máximas de 83,2 cm de largura e 76 cm de altura. A inscrição monumental, aberta em letra capital romana latina, ocupa a parte central da cartela, em granito, achando-se definido o campo epigráfico (60 cm x 66 cm) por um sulco perimetral rebaixado de 4 cm. Bastante erudito, o texto é composto por seis regras centradas, com altura média de 4,5/4,6 cm, tendo a sua gravação resultado de estudo prévio do suporte, bem como pelo recurso a linhas-guia, bem evidente no regular dimensionamento e espaçamento de cada uma das letras, reflexo da intervenção de um epigrafista e de um lapicida experimentados. No tocante ao campo interliniar do texto, também se observa uma certa regularidade. Com exceção das L1 e L5, respetivamente com 14,7 cm e 2,5 cm, as linhas intermédias 2 a 4 mostram um espaçamento médio de 2,1 cm. A generalidade da inscrição é equilibrada, de boa composição epigráfica, em parte devido ao *ordinatio*, com o epigrafista a recorrer somente a uma abreviatura na linha 2, concretamente da palavra «DOMNI». As imperfeições notadas na abertura de algumas letras não terão que ver com o original trabalho do lapicida; são antes resultantes de descuidados avivamentos posteriores do rebaixamento do sulco.

Comentário histórico: a expressão usada parece ter sido inspirada no ritual de consagração de igrejas e templos cristãos, encontrando-se algumas variantes. A confirmar-se esta intenção, não deixa de ser reveladora a posição e orientação da capela. De facto, esta encontra-se erguida na colina mais alta das imediações, voltada para a antiga povoação do Torrão, fazendo crer que houve o propósito de servir uma comunidade alargada, que não se circunscrevia apenas à paroquial. Numa variante desta fórmula ritual inscrita na cartela podemos ler, precisamente, “et exaltata est super omnes colles”

[acima de todas as colinas]. Para além disso, a edificação da capela desobedece ao princípio da orientação canónica e ao preceito de ter a porta principal voltada para caminho público. Estas duas premissas não foram observadas, voltando-se a fachada da capela para nascente, naquilo que entendemos como um “convite” à população da rua e lugar do Torrão. Assim sendo, a capela de Nossa Senhora do Loreto terá constituído o primeiro e muito recuado intento de consagração de um templo cristão à povoação que veio a constituir-se como sede do concelho e futura vila de Lousada.

Devido à expansão da malha urbana da vila de Lousada para poente, a capela de Nossa Senhora do Loreto tem hoje o seu vislumbre arquitetónico e evidência paisagística diminuídos, razão pela qual é frequentemente ignorada pelo mais atento visitante.

Além do culto associado à capela – Nossa Senhora do Loreto –, muito terá contribuído a sua posição altaneira e a panorâmica sobre o horizonte circundante para a vincada e crescente devoção local e a grande afluência de romeiros em dia de festa, resultando, por isso, no importante avolumar de esmolos que iam permitindo que na capela fossem sendo realizadas melhorias. Terá sido este quadro que propiciou que a vetusta e pequena capela de Nossa Senhora do Loreto fosse alvo de avultadas obras, no último quartel do século XVIII. Por esta altura, é o templo dotado de um amplo acrescento para nascente, passando a compreender capela-mor e nave. Em data que não nos é, por ora, possível avançar com exatidão foi também levantada a sacristia.

Os copiosos dados escritos que outras capelas do concelho de Lousada possuem contrapõem a realidade observada na Senhora do Loreto, o que tem barrado o aparecimento de novas reflexões sobre a sua existência. Resultante do projeto “Catálogo Epigráfico de Lousada”, o presente texto apresenta as primeiras conclusões do estudo de um conjunto de inscrições que se encontra na capela do Loreto e no respetivo muro do adro, as quais permitem trazer a lume novas considerações, designadamente no tocante à aproximação ao período de construção e evolução arquitetónica da capela, bem como permitem avançar com dados que apontam para a eventual presença de uma via-sacra nas imediações.

N.º 34

Designação: epígrafe do portal lateral da capela de Nossa Senhora do Loreto.

Tipologia: lintel.

Localização: capela de Nossa Senhora do Loreto, União de Freguesias de Cristelos, Boim e Ordem.

Descrição: inscrição memorativa do ano em que se deu a ampliação da atual nave da capela de Nossa Senhora do Loreto.

Transcrição: ANNO MDCCLXXXIII
DNI/ AUCTA 1783

Leitura: Anno 1783 D(*omi*)NI/AUCTA
1783 (mil setecentos e oitenta e três)

Tradução: No Ano do Senhor de 1783 /
Aumentada [em] 1783

Altura média das letras: L1: 5,9 cm; L2:
5,6 cm.

Espaços interlineares: L1: 25,7 cm; L2:
16,7 cm; L3: 6,1 cm.

Bibliografia: Sousa e Cardoso (2018,
pp. 21-25).

Comentário paleográfico: inscrição

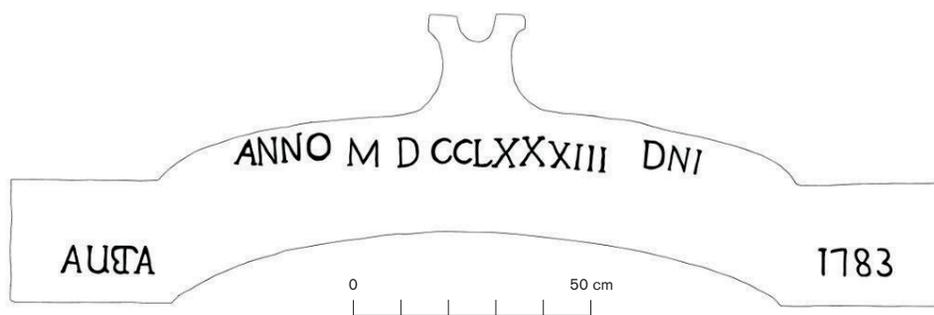


Figura 3. Levantamento gráfico da epigrafe do portal lateral da capela de Nossa Senhora do Loreto.

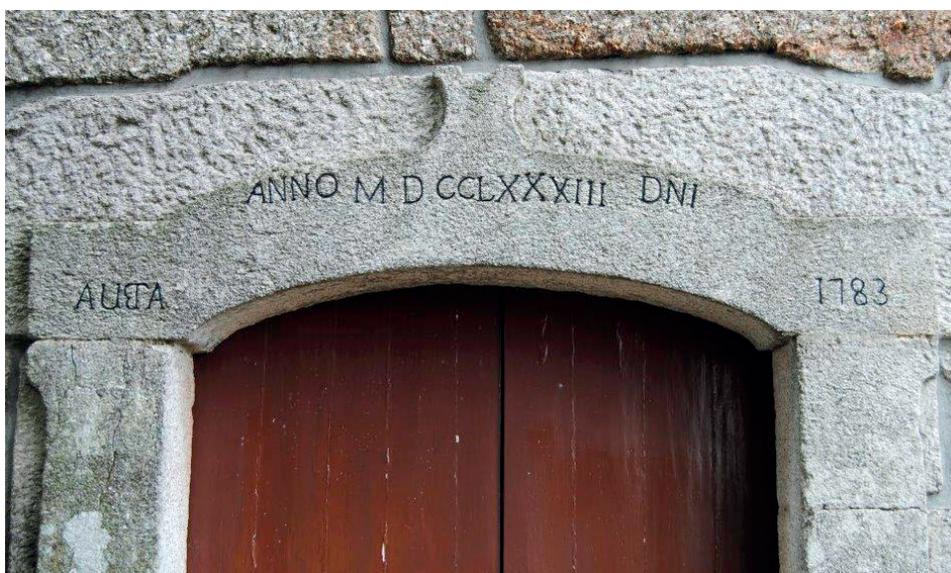


Figura 4. Registo fotográfico da epigrafe do portal lateral da capela de Nossa Senhora do Loreto.

monumental latina de natureza comemorativa, fixada no dintel em arco abatido moldurado da porta norte da nave da capela, aberta em letra capital romana, de sulco regular, pouco profundo e estreito (3 a 5 mm), revelador de um trabalho epigráfico executado por lapicida experimentado. O suporte é de boas proporções (25 cm x 60 cm x 195 cm), em granito de grão fino. O texto desenvolve-se em duas regras, sendo notório o desenho prévio de linhas-guia e do texto a gravar. A altura média das letras cifra-se em 5,9 cm na primeira regra e 5,6 cm na segunda. Os espaços interlineares revelam-se irregulares devido ao formato do suporte, oferecendo, por tal razão, a seguinte leitura: L1: 25,7 cm; L2: 16,7 cm e L3: 6,1 cm.

Na primeira regra o epigrafista torce ligeiramente as palavras «ANNO» e «DNI», fazendo-as alinhar com o traço curvo do moldurado superior do dintel. Cremos que a intenção teve por base uma questão meramente estética, pois observa-se um certo cuidado na ordenação e paginação geral, claramente definido em momento precedente ao

da abertura das letras. O estudo prévio do suporte e do texto a fixar observa-se também na segunda regra, sobretudo no que ao enquadramento e distribuição espacial das letras e numerais diz respeito.

Apesar do suporte disponível, o epigrafista recorreu ao uso de uma abreviatura, por certo para tornar a inscrição mais harmoniosa, recorrendo para o efeito à técnica da contração, por omissão média da palavra «DNI – DOMNI».

Comentário histórico: como já expusemos, a capela foi alvo de uma profunda reforma por finais do século XVIII. É difícil determinar se esses trabalhos foram desenvolvidos de uma só vez ou se se prolongaram. Por exemplo, o trabalho de cantaria dos cunhais posteriores da nave é diferente daquele que foi empregue nos cunhais da frontaria. Os primeiros exibem soluções muito próximas do barroco final, como o ornamento em lacrimal no topo do pilar, enquanto os outros já se enquadrariam perfeitamente numa inspiração neoclássica. Será, portanto, inconclusivo se a data gravada se refere ao início ou fim dos trabalhos. A obra consistiu, conforme ficou explícito na inscrição, num aumento considerável do templo, com a construção de uma nave unida através de um arco-cruzeiro ao corpo pré-existente, que, por sua vez, passou a servir de capela-mor.

N.º 35

Designação: epígrafe da sacristia da capela de Nossa Senhora do Loreto.

Tipologia: lintel.

Localização: capela de Nossa Senhora do Loreto, União de Freguesias de Cristelos, Boim e Ordem.

Descrição: data relativa à construção da primitiva capela de Nossa Senhora do Loreto, correspondente atualmente à capela-mor.

Transcrição: 1698 A

Leitura: 1698 (mil seiscentos e noventa e oito) A(nos)

Altura média das letras: L1: 8(10,4) cm.

Espaços interlineares: L1: 22 cm; L2: 6,7 cm.

Bibliografia: Sousa e Cardoso (2018, pp. 21-25).

Comentário paleográfico: voltada para o interior da sacristia, esta inscrição ocupa o terço direito do lintel granítico (23 cm x 45 cm x 152(155) cm) da porta ras-

gada no alçado norte da capela-mor. É composta de regra única, em letra capital portuguesa, com os caracteres com altura regular, variando entre os 8 e os 10,4 cm. Os espaços interlineares resultam em 22 cm na primeira linha e 6,7 cm na segunda linha. A leitura desta inscrição não oferece aparentemente dúvida. Em todo o caso, pode escapar algum pormenor epigráfico, ocultado pela espessa camada de cal branca que cobre as paredes interiores da capela de Nossa Senhora do Loreto.

A correlação dos caracteres numérico e alfabético denotam uma realização assente em regras epigráficas pouco criteriosas, mostrando a possível ausência de um epigrafista na composição do texto ou, então, o distanciamento por parte do lapicida de eventuais orientações por si dadas. É crível ter sido a hipótese aventada em segundo plano a concorrer para

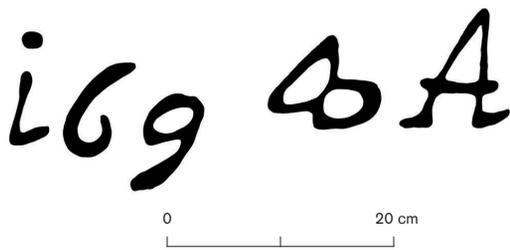


Figura 5. Levantamento gráfico da epígrafe da sacristia da capela de Nossa Senhora do Loreto.



Figura 6. Registro fotográfico da epígrafe da sacristia da capela de Nossa Senhora do Loreto.

aquela consideração, radicando a circunstância em descuido ou mesmo na iliteracia do indivíduo para a não execução do enfileiramento do numeral «8» com os restantes caracteres. O estudo cuidadoso da relação entre cada carácter mostrou que o lapicida se socorreu do ponto do «i» para alinhar o «8», quando na realidade deveria ter-se servido do «6» para referência. Acresce ainda que o «8» não foi corretamente gravado, surgindo levemente rodado à esquerda.

Comentário histórico: a inscrição desta data deverá relacionar-se com a construção da primitiva capela de Nossa Senhora do Loreto, que atualmente corresponde à capela-mor, e com o princípio do seu culto, conforme já ficou contextualizado. Assim, a obra terá sido concluída no ano de 1698. O retábulo que repousa na sacristia e que, tudo indica, terá sido o original, enquadra-se neste período cronológico, concorrendo assim para a nossa interpretação.

N.º 36

Designação: epígrafes 4 e 5 da capela de Nossa Senhora do Loreto.

As epígrafes aqui consideradas relacionam-se com a presença de dois letreiros gravados em silhares reaproveitados no muro poente do adro da capela de Nossa Senhora do Loreto. Trata-se, muito possivelmente, do que resta de uma base de cruzeiro de uma via-sacra desaparecida e de uma inscrição de procedência não determinável. Ambas as inscrições estão truncadas: uma por fratura do suporte; a outra, cremos, por não ter sido terminada.

A epígrafe 4, gravada num suporte em granito de 23,4 cm de altura por 28,2 cm de largura, compreende somente três caracteres alfabéticos em letra capital, correspondentes à parte final de uma palavra em português que se encontraria na primeira regra do letreiro. As letras têm, em média, 10 cm de altura e os espaços interlineares oferecem a seguinte leitura: L1: 4,4 cm; L2: 13,8 cm.

A última epígrafe alvo de estudo é composta somente pelas letras «L» e «O», devendo, eventualmente, corresponder à intenção de gravar a palavra «LORETO». As letras oscilam entre os 7,8 e os 8,9 cm de altura, achando-se gravadas na face da base do cruzeiro onde encaixava a haste da cruz, de que resta a respetiva cavidade sub-quadrangular (24 cm x 20 cm x 12 cm). A fixação das letras mencionadas terá sido conseguida com um instrumento metálico fino e pontiagudo, resultando num sulco em «V», de largura média de 0,4 cm. O suporte, em granito, tem de lado 77 cm por 67 cm e 42 cm de espessura.

Epígrafe 4

Transcrição: [...] LHE

Leitura: ?

Bibliografia: Sousa e Cardoso (2018, pp. 21-25).

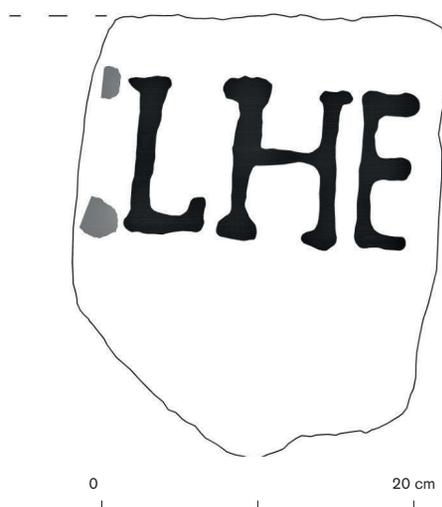


Figura 7. Levantamento gráfico da epígrafe 4 da capela de Nossa Senhora do Loreto.

Epígrafe 5

Transcrição: LO [...]

Leitura: LO[reto]

Bibliografia: Sousa e Cardoso (2018, pp. 21-25).

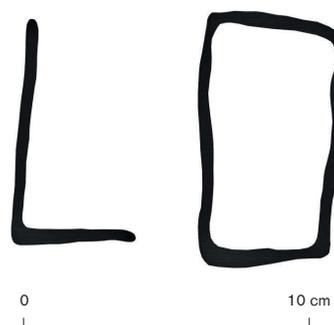


Figura 8. Levantamento gráfico da epígrafe 5 da capela de Nossa Senhora do Loreto.

Designação: epígrafe da fonte taurina.

Tipologia: espaldar.

Localização: União de Freguesias de Cristelos, Boim e Ordem.

Descrição: inscrição gravada num espaldar de uma fonte.

Transcrição: I M I / NIHIL / SIBI / ONIBUS / IDEM

Leitura: I(esus) M(aria) I(osephus) / NIHIL / SIBI / O[m]NIBUS / IDEM

Tradução: Nada para ti. Para todos também não



Figura 9. Levantamento gráfico da epígrafe da fonte taurina.



Figura 10. Registo fotográfico da epígrafe da fonte taurina.

Altura média das letras: L1: 8 cm; L2: 8,5 cm; L3: 10,8 cm; L4: 10 cm; L5: 10,6 cm; L6: 10,7 cm.

Espaços interlineares: L1: 2,7 cm; L2: 3,5 cm; L3: 8,6 cm; L4: 3 cm; L5: 15,7 cm.

Bibliografia: Sousa e Cardoso (2018, pp. 21-25).

Comentário paleográfico: inscrição monumental em letra capital latina, fixada em bloco granítico de grão fino, de topo moldurado, com formato retangular de 117 cm de largura e 71,2 cm de altura. O texto, pela leitura que oferece, encontra-se organizado em seis regras, contornando um nicho de 51,6 cm de altura e 40 cm de largura, aberto ao centro do suporte epigráfico. Este nicho apresenta-se-nos como uma realização prévia à abertura das letras, patente, julgamos, na disposição da primeira e segunda regra, que acompanham a linha do topo, em arco, bem como na palavra «ONIBUS», na quinta regra, que obrigou à supressão do «M», indicado pelo epigrafista por um sinal braquigráfico sobre o «N». Se nestes aspetos se apura que a gravação das letras foi precedida de um cuidado *ordinatio*, decorrente do suporte epigráfico disponível, tal se acha igualmente evidente na redução de palavras por contração siglar, isto é, por limitação à primeira letra, como se constata na parte inicial do texto relativa à hipotética expressão: “I(*esus*) M(*aria*) I(*osephus*)”. Com exceção do assinalado, todo o restante texto epigráfico foi fixado por extenso.

Espelho de uma ação concertada, de um experimentado epigrafista e de um lapicida, sucede realçar a elevada uniformidade epigráfica, quer na altura regular das letras quer nos espaços interlineares, bem como no uso do traço fino nas letras e o cuidado no emprego de serifas boleadas, que oferecem um certo aspeto clássico à globalidade da inscrição. A primeira e segunda regras, cujas três siglas formam uma única frase em latim, foram alvo de diversos avivamentos, razão pela qual mostram uma largura do sulco ligeiramente superior.

Comentário histórico: a fonte taurina terá tido a sua origem – pelo menos, é o que o seu nome indicia –, numa fonte de chafurdo, que, para além do abastecimento de água, se destinava a bebedouro de animais, essencialmente gado bovino, formando, muito provavelmente, um lameiro com as escorrências das sobras de água.

Até ao momento, não foi possível compulsar documentação que permita estabelecer uma origem e cronologia para esta fonte.

A fonte taurina não foi incluída na lista de fontes a requalificar no âmbito do Plano de Beneficiação de 1964/1966. Sabe-se, no entanto, através de um livro de receita e despesa da Junta de Freguesia, que, em 1964, recebeu a cobertura do lavadouro, executada pela referida entidade, orçando os trabalhos em 1100\$00 (mil e cem escudos). Estranha-se esta circunstância, até porque outras fontes da mesma freguesia foram incluídas naquele Plano. Também se conhecem trabalhos de restauro em fontes de Cristelos no ano de 1913, demonstrando que havia uma evidente preocupação com as condições de acesso e salubridade destas infraestruturas.

Bem mais recentemente, por finais do século passado, a construção de um edifício junto à fonte taurina desencadeou um arranjo da mesma, provocando uma profunda descaracterização da sua estrutura. A introdução de um muro de betão, envolvendo o

espaldar da fonte, constituiu um dos aspetos mais perturbadores dessa intervenção, pela desproporção do volume e material aplicado. Também o tanque foi substancialmente reduzido.

Segundo um registo fotográfico publicado numa coleção de postais datada dos anos 20, é possível verificar como o tanque era consideravelmente maior do que na atualidade. O espaldar aparece colocado do lado esquerdo da cabeceira do tanque, e não ao centro, como agora se encontra, havendo um elemento pétreo intermédio entre a base e o coroamento.

As laterais longas do tanque mostram a superfície levemente inclinada – as chamadas esfregadeiras –, destinada à lavagem da roupa. A parede esquerda contém um recorte, junto ao espaldar, que, provavelmente, serviria para deixar escorrer a água de sobra, permitindo, igualmente, que aí se pousassem os cântaros.

O espaldar era composto, originalmente, por uma base que apresentava um modesto ornamento em forma de voluta e um recorte convexo na ligação com o elemento intermédio, que, por sua vez, parece também exibir alguns motivos decorativos. O coroamento do espaldar evidencia o maior trabalho escultórico, com a introdução de um nicho e de um frontão curvilíneo.

Assinale-se que o formato do espaldar da fonte taurina não é único na freguesia de Cristelos. A fonte de Santo André também revela um trabalho escultórico idêntico, com o seu nicho onde repousava uma imagem de vulto em pedra do santo e um frontão mais simplificado, mas semelhante.

A fonte taurina constitui um interessante exemplo de arquitetura da água que, ao longo do tempo, foi sofrendo subtrações e acrescentos, mas cuja importância social ficou bem fixada na fotografia que veio a dar origem a uma das mais antigas coleções de postais de Lousada. Aí podemos observar a dupla função prática da fonte – como lavadouro e como ponto de água –, mas também como espaço de sociabilidade das gentes da povoação. De todo este quadro rústico ressalta a erudição da epígrafe gravada no seu espaldar e um certo mistério que ainda está por esclarecer acerca da sua verdadeira intencionalidade.

N.º 38

Designação: epígrafe da igreja de Santo André de Cristelos.

Tipologia: silhar (arco cruzeiro).

Localização: União de Freguesias de Cristelos, Boim e Ordem.

Descrição: epígrafe memorativa gravada no intradorso do pilar esquerdo do arco-cruzeiro.

Transcrição: ESTE ARCO TORE E / ERONTEIRA DEST/A IGR(A) MANDOV

EA/ZER A CAZA DA RIBR(A) / PARA QUE LHE EOR/AÕ CONSEDIDAS A/S DVAS SEPVLTVR/AS ANNO / DE 1790

Leitura: ESTE ARCO TOR[r]E E / FRONTEIRA DEST/A IGR(ef)(A) MANDOV FA/ZER A CAZA DA RIB(ei)R(A) / PARA QUE LHE FOR/AÕ CONSEDIDAS A/S DVAS SEPVLTVR/AS ANNO / DE 1790 (mil setecentos e noventa)

Altura média das letras: L1: 6,1 cm; L2:

6,2 cm; L3: 5,9(10) cm; L4: 6,1(9,7) cm; L5: 6,4 cm; L6: 6,2 cm; L7: 6,4 cm; L8: 6,5 cm; L9: 6,8(13,3) cm.

Espaços interlineares: L1: 6,4 cm; L2: 4,1 cm; L3: 4,3 cm; L4: 3,9 cm; L5: 3,8 cm; L6: 3,3 cm; L7: 2,4 cm; L8: 2,9 cm; L9: 2,7 cm; L10: ?.

Bibliografia: inédita.

Comentário paleográfico: epígrafe memorativa de nove regras alinhadas à esquerda, em letra uncial e capital neorromana portuguesa. Embora em contexto religioso, a gravação do texto teve uma clara finalidade cívica. De natureza comemorativa, assinala a construção de importantes elementos estruturais da igreja de Santo André de Cristelos. Apesar de ser notória a prévia paginação e ordenação do texto, pelos espaços interlineares somos levados a considerar que estes estudos foram sendo desenvolvidos no decorrer da concretização de cada uma das regras. A epígrafe é algo longa, o que obrigou à eliminação de espaços entre palavras e ao uso de algumas regras braquigráficas, designadamente através do recurso a abreviaturas, que se observam nas palavras «IGREJA» e «RIBEIRA», respetivamente na terceira e quarta regras, não somente pelo uso da contração de letras interiores como pela colocação em expoente da última. Uma chamada de atenção para o «A» em expoente da palavra «IGREJA», que nos aparece em letra uncial. Do conjunto epigráfico é situação isolada, o que denota, em princípio, erro do lapicida. Igualmente nos parece ter havido lapso na ausência de gravação de um dos «R» na palavra «TORRE». Os «F» surgem aqui grafados com um «E». Terá sido por falta do escantilhão respetivo, não obstante o «E» permitir o desenho



Figura 11. Levantamento gráfico da epígrafe da igreja de Santo André de Cristelos.

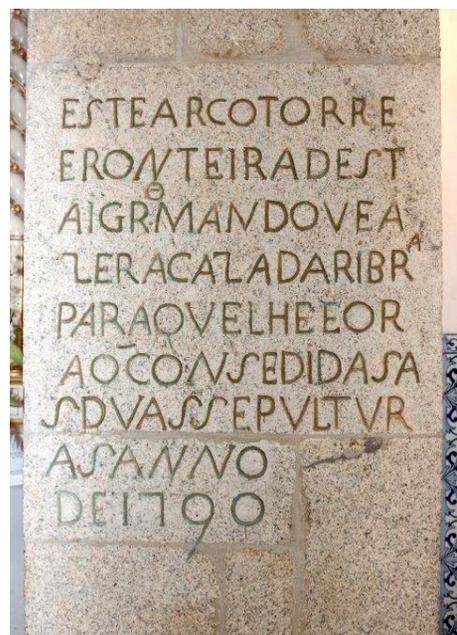


Figura 12. Registo fotográfico da epígrafe da igreja de Santo André de Cristelos.

do «F»? Ou, por outro lado, devem-se a lapsos, descuidos ou até por analfabetismo do executante?

Comentário histórico: a arquitetura da igreja Santo André de Cristelos evidencia um profundo ciclo reformador, enquadrável cronologicamente em finais do século XVIII. A expressão maior desta perceção encontra-se ao nível do trabalho das cantarias artísticas, quase totalmente presentes no frontispício da igreja, através do recorte contracurvado do frontão e do tratamento das molduras do óculo e portal axial. Nesta mesma perspetiva estilística se enquadra a cúpula bulbiforme da torre sineira, que manifesta uma interpretação regionalizada que se integra nas formulações do barroco final. Este enunciado formal estende-se igualmente à espacialidade da igreja, em que sobressai o equilíbrio de proporções e articulação entre os quatro corpos escalonados: corpo da igreja, capela-mor, sacristia e torre sineira.

Esta análise estrutural parece denunciar uma remodelação total do edifício, sem que se manifeste o reaproveitamento e a integração de qualquer elemento arquitetónico anterior.

A inscrição que se encontra no intradorso do pilar direito do arco-cruzeiro insere-se neste contexto cronológico e formal, pois refere a construção do frontispício (*frontaria*; *fronteira*), da torre e do arco-cruzeiro da igreja no ano de 1790. Estas obras terão sido apoiadas e financiadas pela casa da Ribeira, em Cristelos, que, por essa via, obteve o privilégio de duas campas privativas sob o arco-cruzeiro.

N.º 39

Designação: epígrafe do cruzeiro paroquial de Cristelos.

Tipologia: base de cruzeiro.

Localização: União de Freguesias de Cristelos, Boim e Ordem.

Descrição: data gravada no pedestal do cruzeiro paroquial de Cristelos.

Transcrição: 1660

Leitura: 1660 (mil seiscentos e sessenta)

Altura média das letras: L1: 4,9 cm.

Espaços interlineares: L1: 3,6 cm; L2: 17,9 cm.

Bibliografia: inédita.

Comentário paleográfico: inscrição simples, de regra única, alinhada ao centro no terço superior do pedestal. Campo epigráfico limitado por ressalto angular, com 31,5 cm de altura, sendo ligeiramente mais

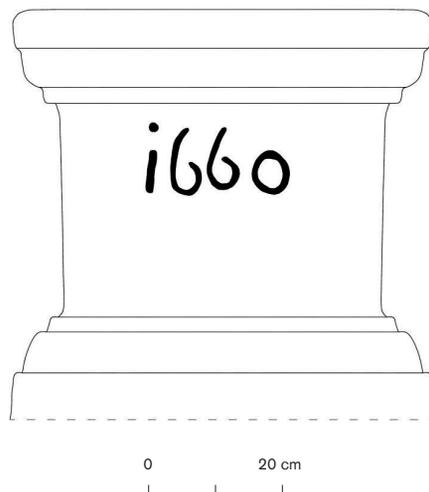


Figura 13. Levantamento gráfico da epígrafe do cruzeiro paroquial de Cristelos.

largo no topo (48,6 cm) que junto ao limite inferior (47,2 cm). Compõe-se de um carácter alfabético e três numéricos, que perfazem a data 1660. O numeral «1», como vem sendo usual nesta fórmula epigráfica de composição elementar, aparece-nos aqui com o traço vertical acentuado, dando a ideia de tratar-se da vogal «i».

Comentário histórico: inscrição na face nascente da base do cruzeiro paroquial que se encontra no adro da igreja de Santo André de Cristelos. Atestada no desenho global, a data gravada corresponderá ao ano da construção do cruzeiro. Obras recentes na área diante da igreja deslocaram o cruzeiro cerca de 28 m para nascente. Antes encontrava-se próximo do cemitério antigo, a cerca de 7 m do portão e a cerca de 12 m da estrada de acesso local, denominada Rua Padre Joaquim Coelho da Silva.

N.º 40

Designação: marco do couto de Travanca.

Tipologia: marco de delimitação.

Localização: Freguesia de Vilar do Torno e Alentém.

Descrição: identificado por um dos signatários do presente artigo – Cristiano Cardoso –, este marco corresponde a um bloco granítico sub-trapezoidal, levemente mais largo no topo que na base (44 cm/42 cm), de perfil quadrangular, com 75 cm de altura e 29 cm de espessura. Da face definida para receber a inscrição apenas é possível observar 50 cm, porquanto, em data posterior à fixação ao solo deste marco territorial do Mosteiro de Travanca, foi levantado e entestado um muro de sorte. A inscrição foi identificada em razão do sumiço de algumas



Figura 14. Registo fotográfico da epígrafe do cruzeiro paroquial de Cristelos.

pedras da fiada superior do referido muro, mas ainda assim foram colocadas algumas dificuldades na obtenção do decalque total da inscrição. A verificar-se a limpeza da vegetação e a remoção da pedra basal, é possível que se corrijam pormenores de algumas letras, principalmente as da última regra.

Transcrição: COUTO/ DE S· BT·O/ DE TRAU·A

Leitura: COUTO/ DE S(ão)· B(en) T(O)·/ DE TRAV(anc)(A)·

Altura média das letras: L1: 7,1(9,3) cm; L2: 6,9(13,8) cm; L3: 8,7(10,2) cm.

Espaços interlineares: L1: 11,5 cm; L2: 3,7 cm; L3: 2,6 cm; L4: ? cm.

Bibliografia: inédita.

Comentário paleográfico: epígrafe composta por três regras alinhadas à esquerda



Figura 15. Levantamento gráfico da epígrafe do marco do couto de Travanca.

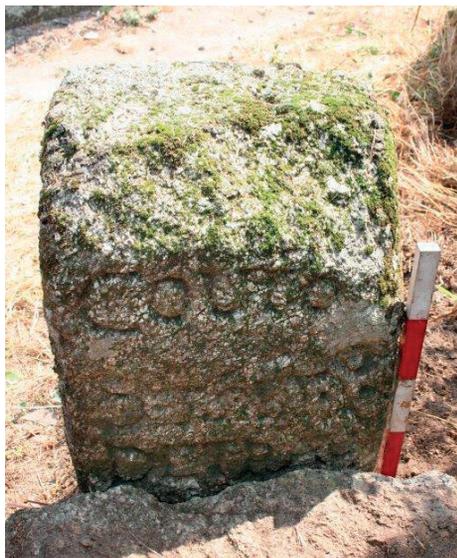


Figura 16. Registo fotográfico parcial da epígrafe do marco do couto de Travanca.

que evidenciam um texto previamente paginado e ordenado. Contudo, a granulosidade do suporte granítico nem sempre terá facilitado o trabalho do lapicida.

A palavra «SÃO» está reduzida ao «S», seguido de um ponto distinguente. A palavra «BENTO» aparece abreviada pela supressão do «E» e do «N», achando-se o «O» em expoente. No final desta expressão figura um ponto distinguente. Poderia ser perfeitamente dispensável o seu uso, mas estamos em crer ter sido uma intenção do epigrafista afastar dúvidas quanto à leitura, uma vez que junto houve necessidade de gravar em expoente a letra final da palavra «TRAVANCA», que se encontra na regra seguinte.

As letras da primeira e terceira regras são significativamente maiores relativamente às restantes, o mesmo não acontecendo com a segunda regra, onde as letras tendem para um dimensionamento mais uniforme.

Comentário histórico: o couto de Travanca era uma antiga unidade administrativa que, em termos territoriais, englobava a freguesia de O Salvador de Travanca e o curato, entretanto extinto, de São Martinho de “Anaia”. Este couto, segundo a tradição mantida durante séculos, foi criado pelo conde D. Henrique e sua mulher D. Teresa, sendo doado ao mosteiro de Travanca. O mosteiro detinha jurisdição cível sobre este território, cabendo ao seu abade selecionar os oficiais judiciais e um pequeno corpo administrativo. O espaço coutado era imune do ponto de vista fiscal, não sendo permitida a entrada dos oficiais régios. Por esse motivo, era essencial que o território estivesse claramente delimitado e demarcado, recorrendo-se, para o efeito, à colocação de marcos identificativos nos limites com as freguesias circunvizinhas.

da dos oficiais régios. Por esse motivo, era essencial que o território estivesse claramente delimitado e demarcado, recorrendo-se, para o efeito, à colocação de marcos identificativos nos limites com as freguesias circunvizinhas.

N.º 41

Designação: epígrafe 1 da casa do Alves.

Tipologia: lintel.

Localização: Freguesia de Vilar do Torno e Alentém.

Descrição: inscrição gravada num lintel de boas proporções, com cerca de 43 cm de altura por 188,6 cm de comprimento, presente numa porta de acesso a uma dependência interior da casa do Alves.

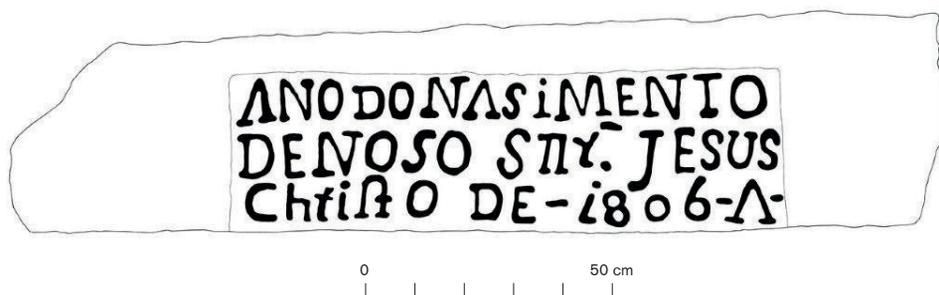


Figura 17. Levantamento gráfico da epígrafe 1 da casa do Alves.



Figura 18. Registo fotográfico da epígrafe 1 da casa do Alves.

Transcrição: ANO DO NASIMENTO/ DE NOSO SNR̄. JESUS/ CHRISTO DE – i806-A-

Leitura: ANO DO NAS[C]IMENTO/ DE NO[S]SO S(e)N(ho)R. JESUS/ CHRISTO DE – 1806 (mil oitocentos e seis) A(nos)-

Altura média das letras: L1: 8,2 cm; L2: 8,8 cm; L3: 7,7 cm.

Espaços interlineares: L1: 1,8 cm; L2: 1,9 cm; L3: 1,9 cm; L4: 1,9 cm.

Bibliografia: inédita.

Comentário paleográfico: texto retificado, organizado em três regras, perfeitamente ajustado à cartela, em sulco, o que demonstra tratar-se de um prévio *ordinatio* de alguma qualidade, por seu lado não totalmente corroborado no que toca à gravação pelo lapicida, incoerência que se depreende da oscilação do dimensionamento que as letras vão apresentando dentro e entre as regras.

O conteúdo epigráfico compreende somente duas fórmulas braquigráficas que abarcam uma abreviatura e um nexa, respetivamente na segunda e terceira linhas. A expressão «SENHOR» foi reduzida a três letras, complementada por dois símbolos que lhe reforçam o sentido breve pretendido, sendo estes formados por um ponto “distinguente”, alinhado pela linha inferior do paginado, e um traço, presente ao nível superior da palavra. O termo «CHRISTO» aparece aqui com um vulgar nexa paleográfico, verificando-se o recurso a um «S» longo ao qual foi grafado um «T». Se a abreviatura de «SENHOR» se afigura aceitável neste trecho epigráfico, pois visa permitir compreender a totalidade do conteúdo a grafar na respetiva paginação, revela-se algo despropositado o simples nexa do «S» e do «T» na última regra, pela razão de que há espaço disponível para a sua fixação por extenso, não resultando por isso totalmente claro o intuito do epigrafista.

N.º 42

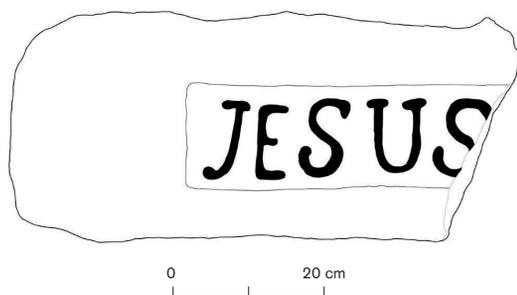


Figura 19. Levantamento gráfico da epígrafe 2 da casa do Alves.

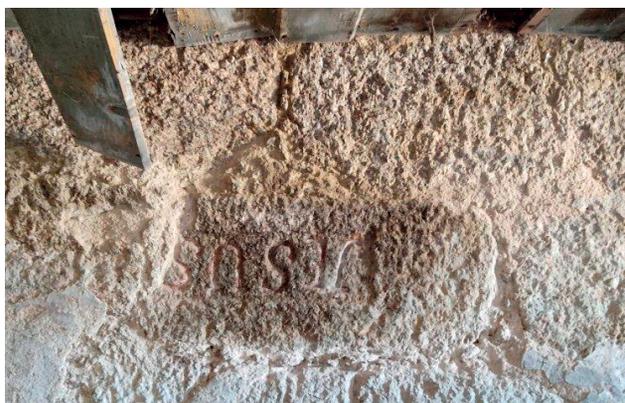


Figura 20. Registo fotográfico da epígrafe 2 da casa do Alves.

Designação: epígrafe 2 da casa do Alves.

Tipologia: silhar.

Localização: Freguesia de Vilar do Torno e Alentém.

Descrição: epígrafe gravada num silhar

granítico retangular (30 cm x 66,7 cm) reaproveitado numa parede interior da casa do Alves.

Leitura: JESUS

Altura média das letras: 10,5 cm.

Espaços interlineares: L1: 1,7 cm; L2: 1,3 cm.

Bibliografia: inédita.

Comentário paleográfico: estamos perante uma inscrição portuguesa simples, em letra capital, gravada numa cartela

retangular (14 cm x 42,4 cm), determinada por superfície desbastada em silhar fragmentado na face direita. Compõe-se a inscrição de regra única, fixada sob paginado prévio. As letras obedecem a um espaçamento regular, achando-se lavradas em sulco pouco profundo e de largura média, a rondar cerca de 1 cm. Além de quebrado, é revelador do aproveitamento do silhar o facto de a inscrição aparecer invertida no muro.

N.º 43

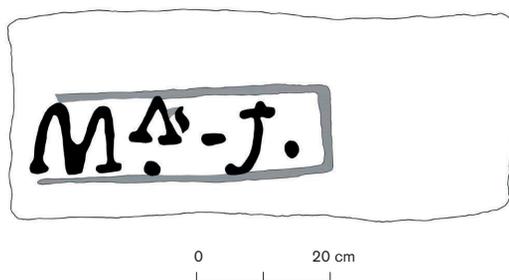


Figura 21. Levantamento gráfico da epígrafe 3 da casa do Alves.



Figura 22. Registo fotográfico da epígrafe 3 da casa do Alves.

Designação: epígrafe 3 da casa do Alves.

Tipologia: silhar.

Localização: Freguesia de Vilar do Torno e Alentém.

Descrição: epígrafe invertida, gravada num silhar retangular (30 cm x 74,4 cm), fragmentado na extremidade direita, em granito, reaproveitado na parede interior de uma dependência da casa do Alves.

Transcrição: MA.-J.

Leitura: M(ari)(A)?. J(osé).?

Altura média das letras: 10,5 cm.

Espaços interlineares: L1: 0,9 cm; L2: 0,6 cm.

Bibliografia: inédita.

Comentário paleográfico: inscrição portuguesa em letra capital, compreendida por uma cartela retangular (13,8 cm x 43,8 cm), definida por sulco bem definido de 1,4 cm de largura média. Inscrição composta por regra única, fixada sob paginado prévio. O texto foi abreviado às letras elementares, dificultando a leitura.

Ainda assim, constata-se o emprego de símbolos braquigráficos, designadamente um ponto, com função distinguente, junto à linha-base, logo abaixo da letra «A», em expoente da palavra que interpretamos como sendo «MARIA», um travessão que antecede a letra «J», com o propósito de assinalar claramente tratar-se de duas palavras distintas e não de alguma abreviatura, e, por fim, um ponto distinguente após o «J», inicial da palavra «JOSÉ», a flutuar ligeiramente acima do sulco da cartela.

N.º 44

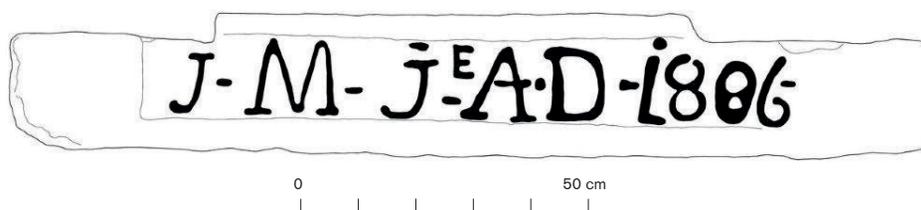


Figura 23. Levantamento gráfico da epígrafe 4 da casa do Alves.

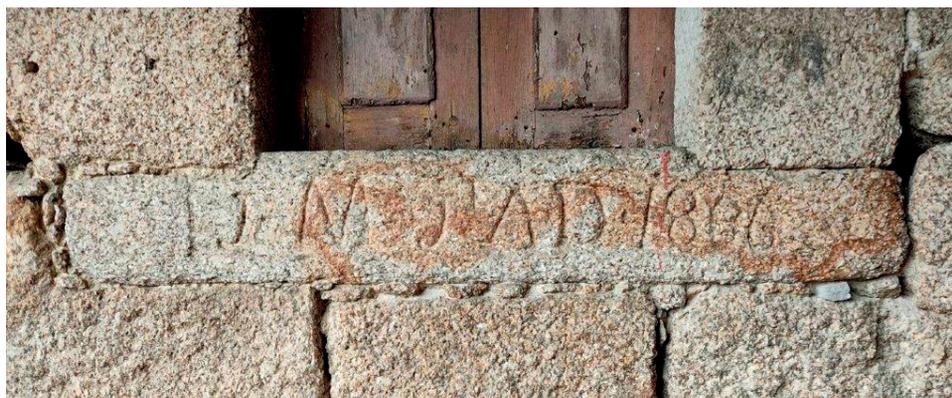


Figura 24. Registo fotográfico da epígrafe 4 da casa do Alves.

Designação: epígrafe 4 da casa do Alves.

Tipologia: peitoril.

Localização: Freguesia de Vilar do Torno e Alentém.

Descrição: epígrafe gravada num peitoril retangular (24,5 cm x 160 cm), reutilizado numa janela interior da casa do Alves. Em ambas as extremidades superiores do peitoril foi executado um talhe retangular para apoio das ombreiras da

janela. O talhe do lado esquerdo tem 3,1 cm de altura e 36 cm de largura, enquanto o do lado oposto revela 4,6 cm de altura e 41,7 cm de largura.

Transcrição: J - M - J_E A · D - 1886 -

Leitura: J(esus) – M(aria) – J(os)(É) A(nno) A(nno) · D(omini) – 1886 – (mil oitocentos e oitenta e seis)

Tradução: J(esus) – M(aria) – J(os)(É) A(nno) · D(omini) (Ano do Senhor) de – 1886 – (mil oitocentos e oitenta e seis)

Altura média das letras: 12,6 cm.

Espaços interlineares: L1: 0,7 cm; L2: 0,2 cm.

Bibliografia: inédita.

Comentário paleográfico: inscrição portuguesa, de texto centrado e organizado em regra simples, fixado em letra capital. A organização e disposição do conteúdo escrito revela uma paginação *ad hoc*, isto é, que foi sendo desenvolvida à medida que era gravada a letra anterior. Este aspeto é revelador nas letras que começam por ser gravadas com um espaçamento entre si e que vai sendo expressivamente reduzido à medida que se aproxima do final. A inscrição está compreendida por uma cartela retangular (14,7 cm x 107 cm), notada por um ténue rebaixamento, obtido por desbaste do contorno. A altura das letras aproxima-se da própria altura da cartela, quase tocando na linha que a define.

Em termos braquigráficos, o paginador fez recurso exclusivo de abreviaturas. Realce-se aqui a terceira letra na inscrição – um «J» –, na qual coloca um «E» em expoente corrente, para, em relação à primeira letra, igualmente um «J», imprimir a ideia de tratar-se de uma outra palavra.

O ponto distintivo é apenas lido uma vez, entre as letras que entendemos como abreviaturas de «ANNO DOMINI». Parece haver intencionalidade, por se tratar de uma expressão compósita, o que permite a existência de algum conhecimento empírico por parte do lapicida. A restante pontuação é fixada com o uso do travessão ou do hífen, aplicado com o propósito de demarcar de forma clara as letras que perfazem o nome do encomendador e a data.

O primeiro numeral da data surge nesta inscrição grafado sob a forma de um «L» maiúsculo pontuado, regra muito frequente nesta época. Resta-nos somente uma chamada de atenção para o terceiro numeral – claramente um «8» –, mas que inicialmente terá sido grafado como um zero. Pela necessidade de correção, resultou na forma algo estranha que apresenta.

N.º 45

Designação: epígrafe 5 da casa do Alves.

Tipologia: lintel de porta carral.

Localização: Freguesia de Vilar do Torno e Alentém.

Descrição: epígrafe gravada numa cartela relevada de cantos curvos, figurada numa padieira em granito da porta carral principal da casa do Alves.

Transcrição: F.A.P.Q / 1886

Leitura: F(?) · A(?) · P(into)? · Q(eirós)? / 1886 (mil oitocentos e oitenta e seis)

Altura média das letras: L1: 9,9 cm; L2: 9,3 cm.

Espaços interlineares: L1: 9,7 cm; L2: 0,6 cm; L3: 9,6 cm.

Bibliografia: inédita.

Comentário paleográfico: epígrafe memorativa portuguesa, composta por duas regras

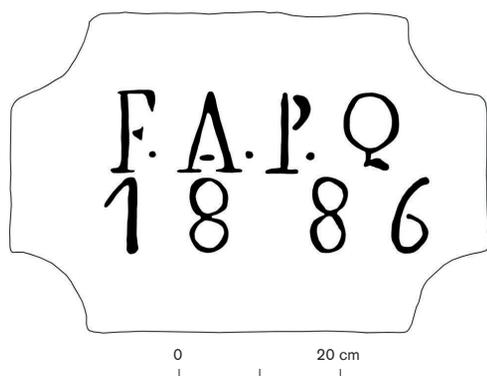


Figura 25. Levantamento gráfico da epígrafe 5 da casa do Alves.

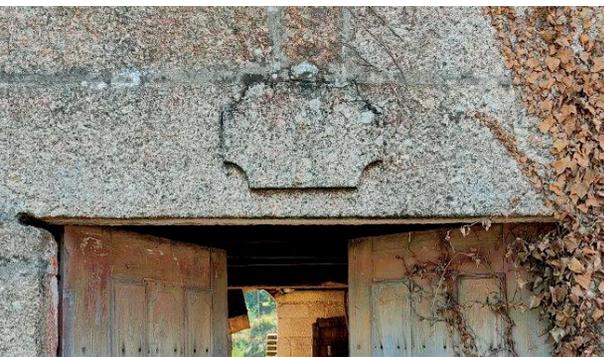


Figura 26. Registo fotográfico da epígrafe 5 da casa do Alves.

N.º 46

Designação: epígrafe da igreja de Santa Margarida.

Tipologia: lintel.

Localização: Freguesia de Santa Margarida de Lousada.

Descrição: epígrafe gravada no lintel retangular (25,4 cm x 149 cm) da porta da sacristia da igreja de Santa Margarida de Lousada. Composição de quatro caracteres numéricos que resultam na data 1721.

Leitura: 1751 A(nos) (mil setecentos e cinquenta e um anos)

Altura média das letras: 7,9 cm.

centradas e alinhadas à esquerda, bem notório no perfilhamento da letra «F» com o numeral «1». Ordenação e gravação globalmente de boa qualidade, ainda que algo desnecessário o espaçamento entre os dois conjuntos de numerais da regra inferior. A primeira regra compreende quatro letras capitais separadas por pontos distinguentes, gravados no terço inferior. Por seu lado, a segunda regra revela quatro numerais que perfazem a leitura do ano 1886. O suporte granítico é uma cartela saliente retangular (39,2 cm x 59 cm), de cantos chanfrados curvos. A cartela ocupa a parte central de um lintel da porta principal de acesso ao pátio interior da habitação.

Comentário histórico: esta inscrição pretendeu, eventualmente, fixar as iniciais do proprietário, enquanto os numerais gravados imediatamente abaixo datarão uma expressiva beneficiação de que foi alvo a habitação no ano de 1886.

Espaços interlineares: L1: 1,2 cm; L2: 0,9 cm.

Bibliografia: inédita.

Comentário paleográfico: epígrafe memorativa portuguesa, gravada em letra capital e cursiva, composta por regra única centrada. Os numerais e letras cumprem um espaçamento regular, sendo os mesmos lavrados a sulco leve, de largura média de 0,5 cm. O primeiro e último numeral, correspondente ao «1», surge aqui representado pela letra maiúscula «I» pontuada. A letra «A», que

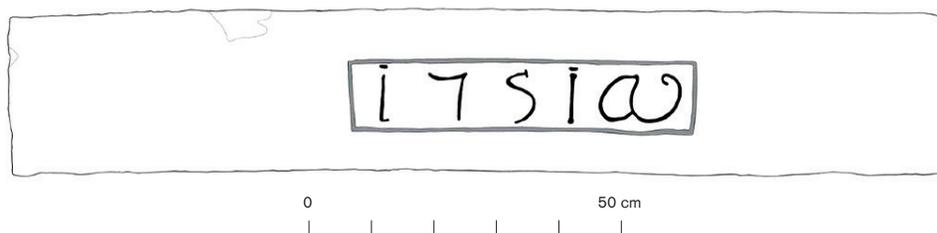


Figura 27. Levantamento gráfico da epígrafe da igreja de Santa Margarida de Lousada.

ocorre posteriormente à data, correspondente a uma palavra reduzida à primeira letra, resulta na leitura «Anos». Embora com a mesma dimensão média dos numerais, foi grafada, todavia, em letra cursiva. O suporte é um lintel da porta da sacristia da igreja de Santa Margarida de Lousada, cuja inscrição revelada está envolvida por cartela retangular (11,4 cm x 55,3 cm), definida por sulco perimetral leve, de 0,6 cm de largura média. A superfície epigráfica encontra-se delineada ao centro da padieira, com um ténue desvio para a direita da mesma.

Comentário histórico: provavelmente ainda antes de 1749, o abade de Santa Margarida, João de Bessa Ferreira, obteve uma provisão régia que lhe consignava 396.000 réis, provenientes do depósito das sisas, para a reparação da igreja. Segundo os registos do pároco, as obras da igreja (em que se englobava o corpo da igreja, a capela-mor e a sacristia), para além da verba consignada, orçaram em mais 350.000 réis, que ele pagou à sua custa (Cardoso, 2007, pp. 130, 137). Estas obras terão demorado cerca de dois anos a executar, pois só em setembro de 1751 houve provisão eclesiástica para benzer o templo. A data inscrita na padieira da sacristia, último corpo arquitetónico a ser construído, refere-se, precisamente, ao momento da bênção da igreja.

Referências bibliográficas

Cardoso, C., 2007. Inventário de bens da igreja de Santa Margarida (séculos XVIII e XIX). *Oppidum – Revista de Arqueologia, História e Património*, 2, pp. 127-148.

Sousa, L., e Cardoso, C., 2018. Catálogo Epigráfico de Lousada: Inscrição da capela de Nossa Senhora do Loreto (Cristelos, Lousada). *Revista Municipal de Lousada (Suplemento de Património)*, 166, pp. 21-25.

Sousa, L., Cardoso, C., e Encarnação, J. d', 2018. Catálogo Epigráfico de Lousada: A inscrição clássica da Fonte Taurina. *Revista Municipal de Lousada (Suplemento de Património)*, 167, pp. 21-25.



Figura 28. Registo fotográfico da epígrafe da igreja de Santa Margarida de Lousada.